

CANCIONEIRO

PASSADO

Meu passado foi como a noite escura
—Noite sem luar, sem constelações,
Dessas que fende ao nauta a sepultura
Do vasto mar nas vesgas solidões!

Foi um espaço imenso! E a sorte dura
Jámais me fez sentir as vibrações
Da limpida alegria e da ventura
Que engrandece os mais baixos corações.

Visitou-me no berço um mau destino;
Errei pois sempre — triste peregrino,
Ao sabor das paixões, dos vendavais!

Foi um espaço imenso! Trinta anos
D'angustias bem cruéis e desenganos:
—Umá epopeia de lagrimas e ais!

Xavier de Paiva.

Dicionário subversivo

A

ABDIÇÃO — Renuncia pela qual costumam escapar os monarcas ao furor popular.

ABJURAR — Virar a casaca. *Abjuração* é as mais das vezes um «sacrifício» a que se entregam os que estando em «má» posição, querem obter uma posição «boa».

ABNEGACÃO — É uma qualidade de que os políticos fazem alarde. Tudo é abnegação em política: este não deixa a pasta de ministro só por sacrificar a vida nas aras da patria; aquele aceita o diploma de deputado só por servir o povo; aquél'outro vai para um rendoso lugar só por assim o exigirem os superiores interesses do país, etc.

ABSOLUTISMO — Estado de governo. Póde compreender tanto os que se julgam possuidores de uma soberania de direito divino, como os que receberam delegação da soberania popular. Parece que na Europa um é mais florescente na Rússia e o outro ameaça dominar em Portugal.

ABSTENÇÃO ELEITORAL — Se a política é a grande porca que se diz, entre os deveres do cidadão... limpo está incluída a renúncia ao sufrágio, que nesta expressão se traduz.

ABUSO — Vício inerente a todos os usos, a todas as leis, a todas as instituições humanas. O catalogo dos abusos não podia conter-se em nenhuma biblioteca. Os abusos governam os Estados (Voltaire).

ACÇÃO DIRECTA — O procedimento que nos inspiram estas palavras do socialista belga Vandervelde: — «não se obtem reformas sérias por interpostas pessoas».

ACÇÃO MAXILAR — Tactica de certos combatentes. Sempre que algum militante apareça senão sob aza protectora do patronato ou do governo, quando menos em atitude duvidosa, pode dizer-se que esse procede segundo os dictamos da *acção maxilar*.

(Continua)

Nor.

Na ponta das espadas

Assim, e não sem arreganho, nos receberam os nossos amigos e camaradas da *Aurora*. Porquê? Pela preocupação doentia de que viemos á imprensa para combatê-los? O tempo o dirá.

Uma das coisas com que elles implicaram, foi a zargunchada que tivemos o atrevimento de dar naquela sábia casta germanica — tão sábia, como boa — que declarou ter por agente o militarismo prussiano. Para a *Aurora*, a «kultur» é um sol sem manchas, diante do qual todos nós devemos prostrar-nos em adoração, não sabemos se por força do metodo anarquista, que ela tanto se empenha por manter integro. Adiante.

Não tendo nós dito que as canções cuja amostra demos, se encontravam em manual alemão, á *Aurora*, pois que a coisa lhe doera, apenas cabia demonstrar que nem aquelas canções, nem outras com letra igual ou semelhante ou com o mesmo ou identico espirito, foram algum dia ensinadas ou difundidas na Alemanha. Porque não o fez? E' claro que a nós se nos afigura impossivel fazê-lo, porque a Alemanha é aquele país onde, ha muito e sem reholhos, se recomenda aos soldados que teem o dever de disparar mesmo sobre seus pais e seus irmãos, — porque lá diz Hervé: — «Seria ocioso coleccionar as canções patrióticas que as crianças inglesas, alemãs, e italianas aprendem na escola, na rua ou em casa; no entanto aqui vão algumas amostras de canções patrióticas alemãs que...»; — porque a propria *Aurora* se exprime dest'arte: «—reune aquelas canções alemãs, traduzindo-as». Afigura-se-nos a nós impossivel a demonstração. Mas o mesmo não se dá, por certo, com quem, como a *Aurora*, mostra mais simpatias pelos intellectuais da burguesia alemã, do que pelos seus camaradas franceses. Faça-o então, que tudo o mais é farelorio.

O PANGERMANISMO

Jacques de Coussange, na *Revue* de 1 de Outubro de 1912, dá conta da existencia de um manual intitulado *Catecismo pangermanista*, e mais da flor de brutalidade que o perfuma. Vá esta pequena amostra:

«—O desenvolvimento das colonias não será uma coisa boa para os indigenas?»

«—Conforme. No entanto, não devemos cair em julgar que o fim principal tenha sido levar a nossa cultura aos indigenas. Nós fundámos as colonias para nossa propria utilidade e é para proveito nosso que empregamos os indigenas segundo as suas capacidades... Cada raça deve ser tratada pelo que ella é.»

«—Esse combate (dos polacos) pela independencia nacional não é, dalguma maneira, digno de admiração?»

«—É. Reconnhecemo-lo francamente. Mas não podemos ser tão idiotas que os auxiliemos nos seus esforços, porque elles são inconciliaveis com as condições de vida do povo alemão... A justiça para com a Polonia seria injustiça para com o imperio e o povo alemão. Um deve ser o martelo, a outra a bigorna.»

A PROPOSITO DA GUERRA

A falencia do socialismo — Guerra capitalista?

As reproduções nesta secção, despidas de comentarios ou pouco menos, não importam acordo ou desacordo nosso com o contexto; significam tão sómente que nós não queremos que aos nossos leitores falem esses elementos na apreciação dos acontecimentos.

Posto isto, vejamos como continua Charles Albert:

Socialistas, revolucionarios prontos a sofrer e a morrer pela sua causa, nunca faltaram, creio eu, na Europa. Até na Alemanha os tem havido.

Mas se acabaram, na verdade, por se cansar e quasi por perder a coragem, é porque de ha muito encontraram na estrada heroica um obstaculo: a Alemanha, a Alemanha anti-democrata, a Alemanha anti-revolucionaria.

E se de certo tempo para cá todos os apelos ao ideal morriam no silencio, não é, no fundo, porque todo o mundo sentia passar sobre a Europa a ameaça alemã?

Que se podia então fazer?

Não ha fatalidade, diz Romain Rolland.

Sim, ha por vezes fatalidade. Sim, acontece ás vezes que a necessidade das coisas pesa tão fortemente sobre a vontade dos homens, que esta mal pode mover-se.

E' fatalidade a formação historica da Alemanha, que a entregava indefesa ao seu militarismo, quando as outras nações começavam a soltar-se do horrivel amplexo. E' fatalidade esse prodigioso aumento de poder economico, que faziade cada burguez alemão escravo do seu livro caixa, e de cada operario alemão o aproveitador egoista dos seus bonus de cooperativa ou do seu coíre sindical. E' fatalidade o conjunto de fenomenos sociais, que acabara por instalar nesse país, o mais

Mancha da «Kultur» isto? Talvez não seja. Mas anda bem perto.

NOTAS LIGEIRAS

Se, como se afirma, a ameaça da invasão alemã paralisava todos os movimentos avançados na França, na Belgica e na Suissa, porque será que em certos meios avançados se é tão pressuroso... na defesa dos esteios dos invasores?

*

«Todo o ataque á liberdade, toda a opressão a um povo, é um ataque a todos nós, os que pela liberdade trabalhamos». — Foram publicadas agora estas palavras, e parecem de ha 50 anos, do tempo em que o *je m'en fichisme* não se estadeava sob diversas carapaças.

*

Se os anarquistas devem combater todo o imperialismo, e portanto o imperialismo alemão, mesmo a tiro, travar esse combate ao lado de um exercito regular, em corpo de franco-atiradores, em guerrilhas ou doutra forma, deve ser para elles uma simples questão de grau.

*

Neutralidade! neutralidade! Mas isso não é o contrario de solidariedade?

*

Ha operarios que dizem: — Nós não temos nada com esta guerra: é uma guerra *capitalista*! E Cornélissen exclama: — Como! Então não vêdes que é toda a civilização democratica da Europa occidental que está em jogo, tudo o que temos ganho contra o regimen do absolutismo pelo progresso de longos anos?

Qualquer.

esposo materialismo de costumes e de sentimentos, que um povo tenha conhecido.

*

De um artigo de Christian Cornélissen:

Não venham contar-nos que foram os capitalistas alemães quem desejou a declaração de guerra.

Informações particulares que recebi dos meios comerciais e industriais de Berlim dizem outra coisa e coisas mais compreensíveis.

Parece que os industriais e comerciantes em questão afirmam: — «Nós tínhamos muito que fazer, de dia e de noite, para nos occuparmos da «politica»; deixámo-la ao imperador e aos liberais. Não fomos nós que pedimos esta guerra ruinosa».

Ahi está. A luta da Alemanha pela supremacia na Europa é principalmente uma luta de raças e de regimen governamental. E se nessa luta os interesses da alta finança alemã estão igualmente em jogo; se as necessidades da expansão economica e a politica colonial se teem feito valer na perspectiva de uma extensão provavel do territorio alemão, andariamos mal, primeiro, em julgar que estas perspectivas valem os sacrificios *no ponto de vista capitalista*, e depois, em tornar os capitalistas os unicos responsaveis da luta. Nas massas operarias dos grandes sindicatos alemães, os espiritos são tão imperialistas como nos meios dirigentes, e se se derem a ler, por exemplo, no livro do social-democrata Eduardo Bernstein — *socialismo tecnico e socialismo pratico*, as paginas que tratam da necessidade da politica colonial do imperio alemão, compreenderão que não podem desvencilhar-se de todos os complexos problemas da guerra, com algumas palavras contra «os capitalistas».